

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de Belas Artes

Gustavo Hilarino de Souza Silva

A SUBVERSÃO DO OLHAR:
O Upcycling como estratégia criativa na moda

Belo Horizonte

2023

Gustavo Hilarino de Souza Silva

A SUBVERSÃO DO OLHAR:
O Upcycling como estratégia criativa na moda

Monografia apresentada ao Curso de
bacharelado em Design de Moda da Escola de
Belas Artes da Universidade Federal de Minas
Gerais como requisito parcial para obtenção do
título de bacharel em Design de Moda.

Orientador: Angélica Adverse

Belo Horizonte

2023

Gustavo Hilarino de Souza Silva

A SUBVERSÃO DO OLHAR:
O Upcycling como estratégia criativa na moda

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Curso de bacharelado em Design de Moda da
Escola de Belas Artes da Universidade Federal
De Minas Gerais, como requisito parcial para
obtenção do título de bacharel em Design de
Moda.

Belo Horizonte, 15 de dezembro de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Profa. (Angélica Adverse)

Profa. (Juliana Pontes)

Profa. (Marta Meireles)

DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado a minha família, em especial a minha mãe que sempre me apoiou em toda a minha trajetória acadêmica. Além disso, dedico esse trabalho a minha tia, Patrícia Vilas Boas, que colaborou profundamente para a pesquisa experimental desenvolvida como conclusão do curso em bacharel de Design de Moda.

Expresso minha gratidão a todos os professores do curso de Design de Moda que colaboraram para o meu desenvolvimento técnico e intelectual. Sem vocês nada disso seria possível.

É de suma importância agradecer também ao cineasta Pedro Almodóvar que foi o pilar das minhas inspirações nesse projeto e na construção da minha sensibilidade para pensar a arte e suas rupturas.

Dedico este trabalho a quem colaborou diretamente comigo: primeramente, minha orientadora, Angélica Adverse, minha tia, Divina Silva, que me ajudou em inúmeras etapas do desenvolvimento do curso, e também aos meus amigos que me apoiaram nessa trajetória.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por ter me honrado com a sabedoria e maestria para superar todos os obstáculos encontrados durante o percurso do curso. Essa jornada foi desafiadora, mas extremamente gratificante, e não teria sido possível sem a fé como minha aliada.

Gostaria de agradecer aos docentes e a Prof^ª. orientadora Angélica Adverse, cujo conhecimento e dedicação foram fundamentais para o desenvolvimento do meu trabalho. Suas sugestões, críticas construtivas e orientações valiosas ajudaram a moldar minha pesquisa e aprimorar meus conhecimentos na área do design de moda.

Não posso deixar de mencionar minha família e amigos, em especial minha mãe, Ana Paula Vilas, e minhas tias, Diva Hilarino e Patrícia Vilas, cujo apoio incondicional e incentivo constante foram essenciais para minha perseverança durante os momentos desafiadores dessa jornada acadêmica. Obrigado por acreditarem em mim e por me auxiliarem em diversas etapas construtivas, onde o apoio de vocês foi fundamental para o êxito do meu aprendizado.

Também sou imensamente grato aos profissionais da indústria da moda que gentilmente dedicaram seu tempo para compartilhar suas experiências e conhecimentos comigo. Suas entrevistas e insights foram fundamentais para embasar minha pesquisa e me proporcionaram uma visão mais ampla e realista do mercado de trabalho.

Por fim, expresso minha profunda gratidão a todos os que me forneceram recursos, acesso a materiais, livros e informações relevantes para minha pesquisa. Suas contribuições foram inestimáveis e tornaram possível a conclusão desse trabalho.

A todos vocês, minha sincera gratidão. Esta monografia de conclusão de curso representa o resultado de anos de dedicação, esforço e aprendizado, e vocês foram parte fundamental dessa conquista.

“I want to achieve anti-fashion through fashion. That’s why I’m always heading in my own direction, in parallel to fashion.” (Yohji Yamamoto).

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo central realizar um projeto experimental que aborde um olhar subversivo na moda ao repensar a estrutura sociocultural das cadeias de produções na moda como também a metodologia da “gambiarra” que proponha novas possibilidades de consumo e reintegre a prática da sustentabilidade ética na moda. A partir da pesquisa, será proposto a criação de dois objetos vestíveis através da técnica do Upcycling que exemplifique os territórios explorados, viabilizando o pensar em matérias primas já existentes e a subversividade como dispositivo ativador de novos significados.

Palavras-chave: subversivo; sustentabilidade; gambiarra; upcycling.

ABSTRACT

The main objective of this work is to carry out an experimental project that addresses a subversive look at fashion by rethinking the sociocultural structure of fashion production chains, as well as the “gambiarra” methodology that proposes new consumption possibilities and reintegrates the practice of ethical sustainability in fashion. From the research, it will be proposed the creation of two wearable objects through the Upcycling technique that exemplifies the explored territories, making it possible to think about existing raw materials and subversiveness as an activating device of new meanings.

Keywords: subversive; sustainability; gambiarra; upcycling.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Evolução das Bolsas – Século XV e V	12
Figura 2 - Dior Saddle Bag – AZ6C.....	14
Figura 3 - 1960s Emilio Pucci Mini Bag.....	15
Figura 4 - Sybilla – Vivienne Westwood para Louis Vuitton, 1996	18
Figura 5 - Processo de criação.....	28
Figura 6 - Processo criativo	29
Figura 7 - Composição Cênica: CORPO X OBJETO	36

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 - PENSAR O DESIGN DE MODA: BOLSA X UPCYCLING	9
1.1 UPCYCLING E A EXPERIÊNCIA DOS OBJETOS VESTÍVEIS	9
1.2 BREVE HISTÓRICO DA BOLSA: DO OBJETO UTILITÁRIO AO ACESSÓRIO DE DESEJO	11
1.3 A BOLSA COMO OBJETO DE DESIGN PARA A MODA	13
CAPÍTULO 2 - A SUBVERSIVIDADE COMO METODOLOGIA NA MODA	16
2.1 UM OLHAR SUBVERSIVO NA MODA	16
2.2 O UPCYCLING COMO PROCESSO CRIATIVO: ABORDAGEM E RECORTE METODOLÓGICO	18
2.3 A GAMBIARRA E O SEU CARÁTER SUBVERSIVO	19
CAPÍTULO 3 - ISTO NÃO É UMA BOLSA	23
3.1 PENSAR A METODOLOGIA GAMBIARRA E O DESIGN DE MODA	23
3.2 SUBVERTER A MODA: UM ATO REVOLUCIONÁRIO E SUSTENTÁVEL	25
3.3 A GERAÇÃO DE ALTERNATIVAS	26
3.4 A GAMBIOLOGIA E A GAMBIARRA	30
CAPÍTULO 4 - CORPO X OBJETO: DESVENDANDO SUAS CONEXÕES	32
4.1 O CORPO E A SENSORIALIDADE DO OBJETO VESTÍVEL	32
4.2 A CONCEPÇÃO DA IMAGEM E COMUNICAÇÃO	33
4.2.1 Criando a imagem: composição cênica do personagem	35
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	39

CAPÍTULO 1 - PENSAR O DESIGN DE MODA: BOLSA X UPCYCLING

1.1 UPCYCLING E A EXPERIÊNCIA DOS OBJETOS VESTÍVEIS

Desvendar o universo da moda sob a ótica do upcycling como fator subversivo é o ponto de partida nessa pesquisa. É de suma importância pensarmos na moda como um campo de contínua pesquisa e formas ocupacionais de coexistência e através disso proponho um experimento que construa questionamentos acerca da sustentabilidade e processos criativos alternativos, como a técnica da “gambiarra”, que possam solucionar grandes problemáticas presentes na indústria da moda. Como pensar na presença do upcycling como recurso alternativo para o futuro da indústria da moda no Brasil e ao redor do mundo? Estes e outros fatores se tornam a abordagem primária e contextual no campo da minha pesquisa. Acredito na importância de pensarmos as problemáticas da moda com um olhar inovador e principalmente possível para que possamos iniciar um processo coerente com o atual cenário da indústria no Brasil. O olhar sob a potência da técnica da gambiarra como metodologia do upcycling é o foco central deste projeto experimental.

Um outro fator a ser analisado é o uso upcycling como uma técnica alternativa no processo criativo deste projeto. A prática de reaproveitamento de matérias primas já existentes, como tecidos, aviamentos, e descartes têxteis são um ponto importante para entendermos os pilares do upcycling. É válido ressaltar que este processo vai além da reciclagem, pois ele parte de outro conceito para pensar as possíveis possibilidades de estruturação de produtos de moda mais voltados para a prática slow e sustentável.

A partir do olhar subversivo na moda sob a técnica do upcycling, pretendo desenvolver um projeto experimental que percorra estes pilares principais, criando objetos vestíveis que serão produzidos 100% sob aproveitamento de matérias primas já existentes e conceituados pela temática da subversão na moda. Sendo assim, a presente pesquisa objetiva investigar a subversidade no campo da moda, propondo objetos comuns do nosso cotidiano como um potencializador criativo para a estrutura conceitual do projeto, como também uma das inúmeras formas de inserir a sustentabilidade na moda. A moda mais sustentável sem dúvidas é aquela que já existe. E como analisar as infinitas possibilidades de repensar as matérias primas presentes na indústria da moda? Como reconstruir o olhar sob a construção dessas peças de uma maneira ainda mais adequada

ao sustentável?

A experiência anexada ao produto é a junção destes três pilares. Construir e pensar os fundamentos de tais objetos vestíveis. O objetivo deste projeto consiste em desenvolver um projeto experimental de 2 peças, englobando os pontos primários dessa pesquisa e formulando com êxito a subversão daquilo que já existe.

A ideia é pensarmos objetos ou quaisquer fontes de matérias primas que sejam comuns/ordinárias para a construção destes “objetos vestíveis”, orientada pela ótica da gambiarra, gerando novas possibilidades mais sustentáveis e que de fato sejam inspiradoras com o fim de serem aplicadas dentro da indústria da moda.

Acredito que em minha pesquisa tenho como fator primário o despertar da investigação e a busca por formas alternativas de abordarmos a sustentabilidade na moda. Ao analisar a indústria da moda é preciso pensar na matéria prima como fator de mudança no que decorre ao seu desenvolvimento. Por que não pensarmos em soluções alternativas e que de fato se adeque a necessidade de um produto? Se hoje, lidamos com um leque de possibilidades e alternativas que definem parâmetros sobre o que de fato é conseguir aplicar a prática sustentável a nível industrial, urge redefinir novas ações alternativas para um problema tão presente e abordado na moda, mas com soluções pouco efetivas. Assim, na presente pesquisa, serão propostos através de uma curadoria, peças, materiais, objetos e descartes têxteis para serem usados durante o processo criativo como matéria prima da coleção pela ótica do upcycling, ao recriar novas padronagens oriundas do processo metodológico da gambiarra, de maneira que dialoguem com a subversão desses materiais anexados no campo da moda. Outra vantagem da escolha destas matérias primas é possibilitar novas formas de reutilização, uma vez que, esses materiais, inclusive redísuos têxteis, possivelmente iriam ser descartados de forma incorreta ou sem nenhuma ação de reuso.

No Brasil, pode-se encontrar muitas marcas de moda relacionadas ao upcycling, o qual, ao contrário de outros conceitos de sustentabilidade, tem se consolidado melhor na produção de vestuário. Tanto que uma das principais escolas de moda do mundo, a *London College of Fashion*, estuda upcycling desde 2007 em suas grades curriculares. Sendo assim, toma-se como objetivo a pesquisa acerca do universo da moda subversiva, ao pensar o papel do gênero sob a técnica do upcycling, visando novos ideais de consumo e principalmente de conscientização acerca de todos os biotipos de corpos, a fim de tornar a moda um espaço democrático e de constante evolução.

1.2 BREVE HISTÓRICO DA BOLSA: DO OBJETO UTILITÁRIO AO ACESSÓRIO DE DESEJO

A história das bolsas percorre uma longa trajetória até os dias atuais no universo do design, definindo conceitos e signos acerca de sua usabilidade entre as sociedades. Este acessório percorre as civilizações antigas até os dias atuais, sendo de suma importância analisarmos a sua trajetória como um acessório útil e substancial, se tornando um objeto de extremo desejo no guarda-roupa feminino.

Segundo Machado (2004 p. 62) , a civilização antiga teve alguns registros através de pinturas rupestres com imagens femininas usando a bolsa, a qual era utilizada de acordo com as exigências da época. Uma das primeiras menções sobre a bolsa encontra-se na Bíblia, que diz “Naquele dia tirará o Senhor os ornamentos dos pés, e as toucas, e adornos em forma de lua, os pendentes, e os braceletes, as estolas, os gorros, e os ornamentos das pernas, e os cintos e as caixinhas de perfumes, e os brincos, os anéis, e as jóias do nariz, os vestidos de festa, e os mantos, e os xales, e as bolsas”. (Is 3, 18-22).

A temática evidencia a relevância da bolsa nas civilizações antigas e como esse acessório se torna um símbolo que dita diversos valores socioculturais ao longo dos tempos. Desde a sua usabilidade, inicialmente proposta como objeto de armazenamento, até as evoluções mais tecnológicas, proponho nesta pesquisa experimental a relevância de analisarmos este acessório e suas nuances socioculturais. A origem da primeira versão do que se entende como bolsa, ou até mesmo um possível objeto vestível, muito provavelmente foi um emaranhado de peles de origem animal com uma estrutura simplória para armazenar alimentos e iscas. Johnson (2002) relatou que as bolsas mais antigas, datadas do século V, originaram-se na Cítia (antiga região geográfica da Eurásia habitada por iranianos em civilizações antigas), e outras bolsas ainda mais antigas, que eram penduradas na cintura. Do Coliseu às Cruzadas, os porta-moedas fechados com cordões eram os mais usados tanto por homens quanto por mulheres.

Durante a Idade Média, as bolsas continuaram sendo usadas como acessórios pessoais, explicitando o caráter andrógino (possuente de traços masculinos). A moda e o uso de acessórios nessa época eram fortemente influenciados pelas normas de gênero e pela divisão de papéis entre homens e mulheres. Machado (2004 p. 63) diz que certas bolsas “especiais” tinham o objetivo de carregar remédios, tabaco, rapé, chaves, leques, escovas de cabelo, e algumas foram desenhadas para armazenar relíquias e livros de

oração, conhecidas como bolsas relicário.

Figura 1 - Evolução das Bolsas – Século XV e V



Fonte: Sweetvampire, 2018¹

Os homens na Idade Média usavam bolsas presas ao cinto, conhecidas como *pouches*. Essas bolsas eram geralmente feitas de tecido ou couro e serviam para transportar pequenos objetos pessoais, como dinheiro, chaves e instrumentos de escrita. As *pouches* masculinas eram geralmente discretas e funcionais, projetadas para serem práticas e facilitar a movimentação do usuário. Já as mulheres na Idade Média, usavam bolsas presas ao cinto ou amarradas ao redor da cintura, conhecidas como *chatelaines*. Essas bolsas eram geralmente feitas de tecido luxuoso, como seda, e decoradas com bordados, pedras preciosas ou outros enfeites. As *chatelaines* femininas eram consideradas acessórios de moda e podiam ser mais elaboradas e decorativas do que as *pouches* masculinas.

Ao pensar nesse breve histórico da origem das bolsas nas diversas civilizações evidencia-se o seu caráter usual, como também as suas evoluções acerca dos símbolos e suas definições. Compreende-se que a atemporalidade proporcionou mudanças socioculturais, redefinindo os signos das bolsas ao que entendemos nos dias atuais. A bolsa que hoje é fortemente atrelada a um signo de status e estética, perde em meio a atemporalidade diversas características que antigamente eram relacionadas as funcionalidades ditamente “obrigatórias” para compreendermos sua sistematização.

¹ Disponível em: <https://sweetvampire.files.wordpress.com/2018/06/05.jpg> Acesso em: 27 maio 2023.

1.3 A BOLSA COMO OBJETO DE DESIGN PARA A MODA

A bolsa como objeto de design desempenha um papel fundamental na moda. Ao longo dos anos, as bolsas evoluíram além de sua funcionalidade prática para se tornarem verdadeiras declarações de estilo e expressões de identidade pessoal. As bolsas apresentam uma ampla variedade de formas e estruturas, desde modelos tradicionais, como sacolas e bolsas de ombro, até designs mais inovadores, como bolsas tiracolo, mochilas, pochetes e *clutches*. A forma e a estrutura de uma bolsa podem ser pensadas para atender às necessidades práticas, mas também podem ser usadas para transmitir um estilo único e criar impacto visual.

Pensar na atemporalidade das peças e seus signos está fortemente atrelado a forma de pensar o design para a moda. Em *Bolsas: Um poder de um acessório* (2005), Anna Johnson examina a trajetória das bolsas no ocidente, propondo análises acerca do design. Desde a sua configuração até a sua função social, as bolsas estão presente no cotidiano de diversas civilizações e nas últimas décadas múltiplos designers questionaram suas concepções criativas repensando seu ideal.

Não dá para falar da história da bolsa sem falar também da emancipação da mulher, pois a forma como a mulher carrega seus pertences está intimamente ligada à forma como ela dirige a sua própria vida. No século XIV as mulheres carregavam seus objetos pessoais pendurados em uma corrente em seu quadril. No século XXI a opulência de sua bolsa pode sugerir sua riqueza, mas nunca é totalmente revelada. O poder de uma bolsa (e de uma mulher) está em sua solidez e elegância neles mesmos (Johnson, 2005, p. 20).

Dos clássicos aos modelos mais robustos, a história das bolsas percorre uma linha do tempo de grandes transgressões socioculturais a reivindicações de status e signo de poder entre seus usuários. Segundo Johnson (2005), criar uma ideia de demanda foi um precursor neste trajeto, e grifes internacionais como Fendi, Gucci, Prada e Chanel ocuparam os principais lugares no universo da moda ao lançarem as famosas “edições limitadas” de um determinado produto. Sendo Johnson (2005), a Fendi recuperou sua linha de bolsas com as antigas formas hexagonais das malas de viagem e aplicou as técnicas de selaria em uma edição limitada (indicado por um número gravado em placa de prata no interior), fazendo com que essas bolsas se tornassem um objeto de desejo e obrigando seus fieis seguidores a terem que colocar seus nomes em longas listas de espera. A autora ainda afirma que, em seu ponto de vista, se a qualidade cria demanda, a

escassez a duplica, especialmente ao misturá-la a um conceito de edição limitada.

Figura 2 - Dior Saddle Bag – AZ6C



Fonte: Sweetvampire, 2018²

As codificações concebidas pelos designers reestruturam o significado da bolsa na sociedade contemporânea e nos faz pensar sobre a moda através de um olhar mais ostentatório e monetário para além de seu caráter usual. Johnson reflete sobre essas codificações ao pensar no luxo como agressão disfarçada de moda ao revelar o seu poder por trás do objeto:

O mito da bolsa é feito de magia, mistério e dinheiro. Nós os usamos para parecer mais poderoso, sereno ou elegante do que nós. Os designers jogam com suas aspirações, e eles estão cientes de que as mulheres estão atrás de seus lemas pessoais e fictícios. (Johnson, 2005, p. 73).

Além disso, percebemos os signos em relação a bolsa fortemente atrelado ao gênero. Como desassociar o design sob a forte influência do feminino no universo das bolsas? Certamente o design está atrelado a inúmeras codificações, sejam elas no que diz respeito ao gênero, sociocultural ou capital. Ao entender a relação do feminino como uma nova forma de falar sobre lugares de poder, traz consigo a presença das bolsas como um objeto vestível afirmativo destes parâmetros. Johnson (2005) menciona que de todos os acessórios da moda, a bolsa apresenta sua melhor oportunidade para criarmos objetos

² Disponível em: <https://sweetvampire.files.wordpress.com/2018/06/05.jpg> Acesso em: 27 maio 2023.

esculturais de caráter singular. “A bolsa se destacava pela individualidade. Austera e espetacular no horizonte de uma mesa de restaurante o de um bar elegante com iluminação indireta. A bolsa fala por seus donos em termos resolutos e decididos”. (Johnson, 2005, p. 71).

A bolsa, como objeto de design para a moda, é um exemplo de como a história e o design transgridem os seus valores éticos e socioculturais, a partir do momento em que analisamos as criações. Pensar na concepção criativa, formas e ocupabilidades presentes nas bolsas é um ato de entender a metodologia presente no design ao longo dos tempos. Sempre mutável, o design das bolsas e dos acessórios refletem como a atemporalidade exerce um papel transformador no design. Johnson (2005) ainda contextualiza a forte influência do modernismo nas concepções das formas das bolsas, que oscilaram entre o oval e quadrado, a exemplo das criações de Emilio Pucci, exemplificando como essa metodologia funciona na atemporalidade. Pucci é um exemplo de subversão na moda ao explorar materiais pouco pretenciosos e estampas de suma originalidade. Assim, podemos concluir como o design se torna efetivo quando atrelado a um propósito.

Figura 3 - 1960s Emilio Pucci Mini Bag



Fonte: 1stdibs, 2023³

³ Disponível em: https://www.1stdibs.com/en-gb/fashion/handbags-purses-bags/top-handle-bags/1960s-emilio-pucci-mini-bag/id-v_5907682/s/. Acesso em: 04 jun. 2023.

CAPÍTULO 2 - A SUBVERSIVIDADE COMO METODOLOGIA NA MODA

2.1 UM OLHAR SUBVERSIVO NA MODA

A busca pela individualidade e concepção de um estilo individual e único são parte do enredo por trás da temática moda subversiva. Propulsionamos uma cartela de fatores que possivelmente indicariam parâmetros que definem a subversividade na moda. Entretanto, nosso objeto de pesquisa se concentra em novas estruturas acerca da subversividade e como esse elemento está relacionado com a sustentabilidade.

Como pensar nas infinitas possibilidades de recriar a moda questionando a própria? É possível propor a subversão da moda como um fator propulsivo para fomentar a sustentabilidade. Ao desafiar as normas estabelecidas e adotar abordagens inovadoras, a subversividade pode transformar a indústria em direção a práticas mais sustentáveis. Começamos nossa busca pelo universo das matérias primas que são uma grande problemática atual para o cenário da confecção de roupas e têxteis por todo mundo.

Propondo um enfoque no cenário brasileiro, percebemos a importância de questionarmos práticas que sejam imersivas nesta indústria, sugestionando novos olhares para o futuro da moda e da sustentabilidade. A subversão da moda envolve repensar o conceito tradicional de moda, que se baseia em tendências efêmeras e consumo excessivo. Propor uma mudança de paradigma, onde a moda seja vista como uma forma de expressão pessoal duradoura, permite reduzir a pressão por constantes atualizações do guarda-roupa e incentiva a busca por peças de qualidade e atemporais.

O ritmo das tendências efêmeras e consumo excessivo contextualizam a urgência de pensarmos novas formas de usar da subversão da moda como um aliado para desvendarmos as problemáticas inseridas neste projeto experimental. A pergunta que propomos é: como pensar sustentabilidade diante de um cenário de inúmera escassez, mas também com uma vasto acúmulo de matérias primas potenciais?

Para responder é preciso propor uma análise socioambiental e geográfica para entendermos o cenário situacional da indústria da moda no Brasil. Se muito produzimos, uma grande escassez iremos gerar. Um dos objetivos centrais desse pesquisa para além de indagar novas conceituações e práticas sustentáveis é também pensar na efetividade de tantas ideias propostas nessa pesquisa. Além da idealização acerca do tema que é tão presente, urge realizarmos uma observação para a aplicabilidade de tais fatores

sustentáveis.

Conceber um novo cenário onde seja possível o alinhamento de produção, demanda e compromisso ético com o meio ambiente se torna urgente quando falamos do Brasil.

A subversão da moda impulsiona uma mentalidade de mudança, desafiando as normas e incentivando a reflexão sobre os impactos da indústria da moda. É importante educar os consumidores sobre os problemas associados à produção convencional de moda e fornecer alternativas sustentáveis. Através do engajamento e da conscientização, é possível criar uma demanda crescente por moda sustentável, pressionando as marcas a adotarem práticas mais responsáveis.

Um outro fator a ser analisado é a presença dos órgãos governamentais diante da fiscalização destas práticas sustentáveis. Lidamos com uma realidade onde o capital se sobressai dentro da indústria da moda no Brasil. Assim, é necessário analisarmos maneiras efetivas de correlacionar ambas as partes para que haja uma fiscalização efetiva em meio as milhares de indústrias têxteis no país.

A utilização de matérias-primas sustentáveis e não convencionais (a qual nesta pesquisa entendemos como subversão das matérias primas) na indústria traz uma série de benefícios importantes, tanto para o meio ambiente quanto para a sociedade como um todo. Esses benefícios abrangem desde a redução do impacto ambiental até a promoção do desenvolvimento social e econômico.

Um outro caráter subversivo mencionado por Johnson (2002) conceitua as formas presentes nas bolsas, que no decorrer das décadas sofreram mudanças, como por exemplo, uma bolsa triangular que nos faz lembrar um telhado pontiagudo de uma casa de conto infantil. Já uma bolsa mala quadrada, sugere as formas de um livro ou um presente. Vivienne Westwood criou uma pochete em forma de anca, com lona plastificada e monograma utilizado por Louis Vuitton, e a colocou nas ancas de uma modelo, exemplificando o poder subversivo de uma mala com uma forma transgressora. Ainda segundo Johnson (2002), a evolução dos materiais influenciou a forma das bolsas. À medida que os artesãos iam aperfeiçoando o seu trabalho com o couro e com os metais na Idade Média, as bolsas foram ganhando em estrutura, sugerindo, deste modo, uma crescente relação entre a bolsa, a arte e a arquitetura. As formas geométricas são uma das principais aliadas no design subversivo. Pensar as formas e suas potencialidades elevam o design a algo único e exclusivo.

Figura 4 - Sybilla – Vivienne Westwood para Louis Vuitton, 1996



Fonte: Pechugavintage, 2019⁴

2.2 O UPCYCLING COMO PROCESSO CRIATIVO: ABORDAGEM E RECORTE METODOLÓGICO

O upcycling é o nosso ponto de partida para o desenvolvimento do projeto experimental e parte de sua concepção técnica que consiste em reformular descartes, resíduos e quaisquer outras matérias primas já existentes em novas atmosferas, gerando um novo ciclo para as roupas. Na moda, ele vem sendo abordado sob o viés sociocultural, uma vez que redefine os caminhos traçados pela indústria da moda. Ao transformar os resíduos têxteis, a técnica do upcycling reafirma a potencialidade em elevarmos a moda a uma atmosfera exclusiva, autoral e principalmente ética, propondo novos conceitos para se adotar.

É preciso compreender o upcycling como um processo criativo e metodológico que propõe soluções subversivas na moda, buscando transformar resíduos ou materiais descartados em novos produtos de valor. Em contraste com o modelo tradicional de produção linear, em que os materiais são extraídos, transformados, utilizados e descartados, o upcycling adota uma abordagem circular, que visa prolongar o ciclo de vida dos materiais e reduzir o desperdício.

Uma das principais características do upcycling na moda é a sua natureza

⁴ Disponível em: <https://www.pechugavintage.com/blogs/news/le-faux-cul-de-vivienne-westwood-and-louis-vuitton/> Acesso em: 04 jun. 2023.

subversiva. Ele desafia as normas convencionais da indústria da moda, que muitas vezes estão associadas à produção em massa, ao consumo excessivo e ao descarte rápido. Ao invés de seguir o ritmo acelerado das tendências da moda, o upcycling permite a criação de peças exclusivas, com histórias e identidades próprias.

O processo criativo acerca do projeto experimental consiste em usar da técnica do upcycling como dispositivo ativador de espaços, e metodológico ao solucionar as principais problemáticas imersas no universo da moda. Questiono em minha pesquisa como lidar com o quadro situacional da indústria da moda no Brasil e utilizo do upcycling como facilitador deste processo, propondo formas alternativas para se consumir e também produzir roupa. Ao dar nova vida a roupas e tecidos, o upcycling contribui para um modelo mais sustentável de consumo, prolongando o ciclo de vida dos produtos e reduzindo a necessidade de produção de novos materiais.

A Dra. Graziela Morelli define precisamente em seu artigo *Upcycling: Um novo caminho sustentável para a moda* (2017) ao mencionar que o processo de upcycling atua sobre o material descartado sem depreciá-lo, aumenta o aproveitamento, altera aspectos estéticos e funcionais, agrega valor e prolonga a vida útil. O upcycling pode ser aplicado de modo sucinto, propondo pequenas mudanças, melhorias e detalhes decorativos, ou de modo extenso, criando novos produtos. Somado a isso, Vinken (2005) defende que todo produto proveniente de um material de descarte é único e exclusivo. De acordo com Gwilt (2014), um ponto importante do processo de upcycling é a escolha dos materiais. É necessário efetuar uma triagem, separando componentes úteis e inúteis e, em alguns casos, será preciso desconstruir o material, e prepará-lo para a produção, antes que seja utilizado.

Sob a técnica do upcycling, proponho uma releitura sob as inúmeras formas de pensar sua metodologia, revisitando matérias primas já existentes e subvertendo-as conforme a atemporalidade dos objetos inseridos no projeto experimental. É de suma importância pensar nesta metodologia como um fator que reconfigure a atual cadeia de produção na moda ao gerar recursos alternativos e práticas mais sustentáveis.

2.3 A GAMBIARRA E O SEU CARÁTER SUBVERSIVO

Ao propor um olhar subversivo para a moda também é preciso analisar as suas infinitas possibilidades e como podemos estruturar uma lógica de recursos. Abordo a

potencialidade do termo “gambiarra” como parte da metodologia presente no processo criativo deste projeto experimental. Sugiro neste projeto um convite para passear pelo universo da genealogia do termo gambiarra, para que possamos analisar seus desdobramentos na sociedade contemporânea anexado ao design.

A palavra "gambiarra" é amplamente utilizada no Brasil para descrever soluções improvisadas, muitas vezes criativas e engenhosas, para problemas cotidianos. Embora não haja uma origem precisa para o termo, ele é associado ao seu caráter inventivo e sua faculdade transformativa. Dentre os significados associados no dicionário estão: solução improvisada para resolver um problema ou para remediar uma situação de emergência; remendo. Extensão ilegal com o propósito de roubar energia elétrica; gato. Embora as gambiarras muitas vezes sejam consideradas como soluções temporárias ou paliativas, é interessante notar como a criatividade e o pensamento inventivo podem surgir mesmo em situações desafiadoras.

A gambiarra é uma solução, individual ou coletiva, legal ou ilegítima, nem sempre com uma mão dedicada por trás, mas uma solução tecnológica que aproveita os recursos para suas próprias necessidades na vida cotidiana no ambiente periférico. Mas como pensarmos em seu caráter inventivo sob a ótica da moda? Pensar a ação da gambiarra reflete sobre a carência de recursos, sejam eles materiais ou partículas do processo de produção quando tomamos de análise o universo da moda. É possível pensar em soluções alternativas para combatermos a problemática das cadeias de produção?

Neste capítulo questiono as relações destes signos e reintegro o uso da gambiarra como forma de solucionar o problema chave deste projeto experimental. Tomamos de análise o estudo “Desobediência Tecnológica” concebido pelo artista Cubano Ernesto Oroza que faz parte fundamental da concepção dessa técnica/terminologia da minha pesquisa. *Desobediência Tecnológica* é um estudo cujo o autor propõe a análise sobre o ajuste e reparo de objetos correspondentes ao período da Revolução Cubana, como atos de desobediência civil e resistência que posteriormente foram proibidos pelo governo.

Oroza reflete as influências do processo de industrialização e o enredo da revolução cubana, uma vez que incita uma série de questionamentos subversivos acerca da matéria prima, dos processos de produção da indústria e da resistência civil.

De tanto abrir corpos o cirurgião se insensibiliza com a estética da ferida, com o sangue e com a morte. É essa a primeira expressão de desobediência dos cubanos com relação aos objetos: um desrespeito crescente tanto pela identidade do produto, quanto com a verdade e

a autoridade que essa identidade impõe. De tanto abri-los, repará-los, fragmentá-los e usá-los a sua conveniência, terminaram por desprezar os signos que fazem dos objetos ocidentais uma unidade ou identidade fechada. (Oroza, 2012, p.1).

A gambiarra se diferencia do design ao não seguir um projeto prévio, sendo geralmente improvisada em cenários com condições precárias e escassez de recursos. Nesses contextos, surge a necessidade de criar uma solução, nem sempre levando em consideração o acabamento do objeto ou serviço, substituindo o planejamento pelo improviso. Além disso, a gambiarra pode ser interpretada como uma forma de desobediência tecnológica. Ao enfrentar a escassez de recursos, ela enxerga possibilidades além de um objeto obsoleto ou defeituoso, agindo como uma "ação política" diante do consumismo desenfreado da nossa sociedade.

Oroza reflete sobre as terminologias associadas a gambiarra ao pensar em termos que indiquem a ideia de reconstrução e seu alto grau subversivo, como a “reparação” “refuncionalização” e “reinvenção”. Para definir os valores associados aos três graus propostos em sua análise, ele define tais metodologias ao mencionar:

Em primeiro lugar, pela reconsideração do objeto industrial sob a ótica artesanal. Em segundo lugar, pela forma como negam os ciclos de vida dos objetos ocidentais, estendendo a sua utilidade ao longo do tempo, quer na função original, quer em novas funções. Em terceiro lugar, porque ao postergar a ação de consumo, mas satisfazer as demandas, essas práticas tornam-se formas alternativas de produção. (Oroza, 2012, p.1)

Pensar na moda gambiarra como fator subversivo na moda e no design é valorizar a criatividade e o reaproveitamento ético. A gambiarra encoraja a busca por soluções improvisadas e a transformação de peças antigas em algo novo e único com matérias primas já existentes. Esse processo de reparação e reinvenção desafia a ideia de que devemos constantemente comprar coisas novas e incentiva uma abordagem mais sustentável, fator aliado a técnica do upcycling. Além disso, a gambiarra na moda e no design também pode questionar os padrões estéticos preestabelecidos. Ao incorporar elementos inusitados, misturar estilos e experimentar técnicas de forma não convencional, ela desafia as normas estéticas dominantes e abre espaço para a expressão individual.

Segundo Oroza, o gesto mais desobediente de reparação é a capacidade de imortalizar objetos, preservando suas funções originais. A reparação pode ser definida como o processo pelo qual devolvemos parcial ou totalmente as características – técnicas,

estruturais, de uso, funcionais ou estéticas – a um objeto que as tenha perdido total ou parcialmente. Ao olhar para a subversão na moda, o método da gambiarra cumpre com uma importante função política na moda ao se tornar um dispositivo transformador, redefinindo novas propostas para estabelecermos um processo de produção mais sustentável e ético.

Um outro fator a ser analisado é o uso do termo “refuncionalização” usado para descrever a função social presente na gambiarra. Oroza define a refuncionalização como:

O processo pelo qual aproveitamos as qualidades –matéria, forma, função– de um objeto descartado, para fazê-lo atuar novamente em seu contexto ou em um novo . Essa definição inclui as partes do objeto e as funções que essas partes desempenham nele; portanto, abrange operações como a metamorfose e a recontextualização. (Oroza, 2012, p.1)

Ao examinar estas práticas, correlaciono com a ideia do upcycling, ao repensar as matérias primas, formas e analisar a função social de um objeto descartado. O ato de ressignificar o seu contexto é para além de sustentável. É averiguar a sociedade de consumo com um olhar ainda mais coerente para que a moda seja além de uma indústria de vestir, e sim, uma indústria que se responsabilize por todos os processos da sua cadeia de produção, visando uma relação harmônica entre sociedade, meio ambiente e mundo.

Oroza afirma que os objetos reinventados aproximam-se das invenções originais, pela austeridade e impudência com que as suas partes são utilizadas e articuladas. As reinvenções mostram objetos transparentes, sinceros e proporcionais, em termos de investimento material e simbólico, com a necessidade que os provocou. Conservam também o conjunto de gestos manuais, conceituais e econômicos que o operador-criador lhes acrescenta.

Sendo assim, a desobediência tecnológica cubana analisada pelo autor pode ser uma forte aliada para refletirmos sobre as problemáticas acerca do projeto experimental, uma vez que, ambos caminham com os mesmos referenciais ao objetivar a prática das reinvenções e reparações de matérias primas. O autor também reitera que a desobediência tecnológica possui implicações e manifestações em diversas esferas, como a social, política e econômica, o que justifica sua associação a esses termos.

CAPÍTULO 3 - ISTO NÃO É UMA BOLSA

3.1 PENSAR A METODOLOGIA GAMBIARRA E O DESIGN DE MODA

A metodologia da gambiarra, quando aplicada ao design de moda, pode oferecer uma abordagem criativa e sustentável para a indústria da moda, promovendo o upcycling e a reutilização de materiais. O briefing é o ponto de partida para qualquer projeto de design de moda, sendo fundamental identificar a nova postura do design diante do upcycling desde o início.

Para a sociedade contemporânea, o design deve ser considerado um tema de fundamental importância porque, por um lado, promove a criatividade e a inovação (a sua aplicação aos produtos, do ponto de vista econômico, pode aumentar o seu destaque e competitividade). Por outro lado, é um produto ou processo de design que deve ter em conta as diversas questões sociais, ambientais e neste, como o objeto de estudo, a presença do upcycling. Quando aliados, o design necessita de uma nova postura, ao repensar os fatores que concebem o seu estado conceitual em virtude do produto final. É exatamente neste paradigma que analisamos o objeto vestível como o resultado de uma nova postura do design, repensando as formas de propagá-lo em meio a sociedade de uma maneira mais sustentável e menos descartável, agregando valores que possam formar uma cadeia de produção muito mais justa e adequada ao nosso ecossistema.

Além disso, o design é um dos pilares que concebem este projeto. Como pensar em práticas efetivas para que o upcycling ocupe um espaço exponencial na indústria da moda e não seja apenas uma técnica alternativa de consumo? O desafio dos objetos vestíveis são desmistificar os parâmetros que consistem na não propulsão do upcycling a um nível mercadológico. Ao analisar os objetos vestíveis propostos, idealizo em matéria as infinitas possibilidades de se pensar o design e torná-lo a nível mercadológico cada vez mais sustentável, ao pensar em uma produção justa com o mercado e aliada a sustentabilidade.

Quando um produto de moda é realmente pensado para romper com paradigmas e pilares estruturais, afirmamos a subversividade que vai contra todo um processo sistêmico. O upcycling é, sem dúvida, uma abordagem subversiva e revolucionária quando se trata de pensar o design de moda. Ele desafia as convenções tradicionais da indústria da moda e propõe novos ideais de design sustentável. O upcycling desafia essa

mentalidade, promovendo a reutilização e a renovação de roupas existentes, estendendo sua vida útil e reduzindo o desperdício.

Além disso, o *upcycling* também é uma forma de conscientização sobre os desafios da indústria da moda. Ao destacar o potencial de transformação e a reutilização de roupas, ele incentiva os consumidores a pensarem mais profundamente sobre suas escolhas de moda e a demandarem maior transparência das marcas. Em suma, o *upcycling* é subversivo porque desafia as normas tradicionais do design de moda, propondo um modelo mais consciente e sustentável. Ele não apenas oferece uma abordagem criativa para o design, mas também ajuda a construir uma indústria da moda mais ética e responsável, que está alinhada com os ideais de preservação do meio ambiente e conscientização social.

Um outro fator a ser analisado é a relação entre usuário e objeto e como isso impacta na concepção do produto. Ao pensar os objetos vestíveis, analiso de maneira minuciosa a verdadeira importância de sua existência. E sem dúvidas, é um desafio pensar o design para além do estético e sim como um fator decisivo no ato final de compra. Quando pensamos em sustentabilidade, isso está diretamente relacionado a um público específico de consumidores. E é exatamente este o momento em que o objeto vestível se encontra com todos os pilares de sua metodologia e conceituações propostas. É de extrema necessidade pensar de forma que o usuário se sinta adepto de práticas sustentáveis, mas que também tenha um acesso democratizado a produtos do design que foram produzidos e idealizados pelo viés sustentável. Como tornar o conceito *upcycling* algo ordinário e de fácil acesso na indústria da moda?

A resposta podemos encontrar em matérias primas recicláveis, formas alternativas de gerar recursos ou até mesmo na forma como este produto foi concebido. Analisamos novamente a “refuncionalização” proposta por Ernesto Oroza como uma tentativa de contextualizar a potencialidade por trás de repensar os objetos e seu design através da ótica da gambiarra. Segundo Oroza, quando a refuncionalização reúne objetos – ou partes deles – num novo produto ou solução, então a operação pode ser considerada uma reinvenção.

A abordagem da gambiarra, conhecida por sua criatividade e uso inteligente de recursos disponíveis, pode ser aplicada de maneira inovadora à construção semântica das informações de sustentabilidade nos objetos de design de moda. Nessa perspectiva, a construção semântica pode ser adaptada de forma a refletir a natureza improvisada e

adaptável da gambiarra. E o design caminha junto com a gambiarra quando pensamos na sua potencialidade de se adequar aos imprevistos, assim como proposto no objeto vestível, reutilizando matérias primas descartadas e ressignificando-as em um novo conceito, ao reassumir uma nova postura de extrema importância para idealizarmos a relação entre sustentabilidade, design e a metodologia do upcycling.

Neste projeto experimental, tudo torna-se um objeto vestível. Seja explorando as múltiplas formas de uso ou seja pelo seu caráter subversivo, por aqui exploramos a inovação presente nas tramas, matérias primas e também no processo de desenvolvimento da pesquisa. Quando falamos da terminologia “objeto vestível” estamos falando das inúmeras formas de pensar na concepção criativa de uma bolsa para além de seu caráter funcional. A visualização de novas possibilidades para este acessório é um ato de subverter o olhar, os seus usos e também a condição usual deste objeto.

3.2 SUBVERTER A MODA: UM ATO REVOLUCIONÁRIO E SUSTENTÁVEL

A moda contemporânea está passando por uma revolução silenciosa e poderosa, onde a subversão se tornou sinônimo de sustentabilidade. Nesse cenário, o upcycling desempenha um papel crucial como a expressão mais autêntica dessa subversão. A subversão na moda, quando vista sob o viés do upcycling, é um ato de resistência contra a cultura do "descartar e substituir". É um grito contra o consumo desenfreado que tem sido o cerne da indústria da moda por tanto tempo. O upcycling cria roupas únicas, cada uma contando uma história própria, resgatando materiais que seriam descartados, e abraçando imperfeições que desafiam a homogeneidade das passarelas.

Ao pensar na subversão, vejo que a moda sustentável e o upcycling emergem como forças poderosas. A sustentabilidade não é apenas uma palavra de ordem, mas sim um modo de vida incorporado em cada costura, fibras e matérias primas inseridas neste projeto. Os objetos vestíveis são uma manifestação da imaginação e da inovação, reforçando a ideia de que a moda pode ser uma forma de arte e de expressão pessoal.

Mais do que uma simples tendência, a ideia de subverter é um movimento que nos lembra de que a moda pode ser um veículo para a mudança social e ambiental. Desafia-nos a reconsiderar o que valorizamos nas roupas que usamos e a questionar o custo real por trás de cada peça de vestuário. A moda sustentável, impulsionada pela subversão do upcycling, nos convida a adotar um novo paradigma, onde o estilo se une à consciência,

e a individualidade se casa com a responsabilidade. É um lembrete de que a moda pode ser bela, ousada e sustentável.

A subversão da aparência é também parte da construção do que entende-se como subversivo. Olhar para dentro de si, ir contra as tradições e conceber a ideia de indivíduo. Na avaliação da socióloga Valérie Fournier, os dois tipos determinados podem eles mesmos servirem de referência de dois momentos na história de uma subcultura.

O primeiro corresponde ao momento de emergência, no qual um núcleo ideológico constituído pelos líderes do movimento quer fazer passar uma mensagem. O segundo momento está então ligado àquele da representação, onde o estilo é adotado pela massa e perde seu sentido inicial. (Fournier, 1999, p. 59).

Contudo, é necessário reconhecer que as experiências estéticas de hoje muitas vezes surgem nos primeiros momentos sem envolvimento ideológico; é dela mesma a composição da aparência como experiência, satisfazendo o desejo de compor *looks*. Escritores como Michel Maffesoli ajudam-nos a compreender este fenómeno. Ao observar os contornos desses agrupamentos sociais, podemos observar que na cultura contemporânea, em particular, as tribos são cada vez mais circunstanciais, como assinala Maffesoli (1987), e pode-se ‘passear’ por várias tribos, pois as adesões se dão por afinidades e identificações pontuais.

Por fim, subverter a moda é um ato revolucionário, e naturalizar o que antes era tido como “marginal” faz com que a imagem de moda seja reformulada em nosso inconsciente, dando espaço para uma nova forma de enxergar e pensar o design de moda. E, além disso, exemplifica que houve uma mudança drástica nas representações, mas sobretudo no mundo real, na forma como nos comportamos e principalmente entendemos a subversão como um todo. Segundo Monteiro (1999) p.1 “quando o consumidor decide comprar uma roupa ele está comprando sua própria alma para se refletir no outro. Está comprando também toda representação imagética de grupo que a vestimenta representa”.

3.3 A GERAÇÃO DE ALTERNATIVAS

As formas de subverter a matéria prima está aliada na concepção do processo criativo. O primeiro objeto vestível desenvolvido, denominado “SUBVERSO”, foi o resultado de tentativas de reconstruir os metais e materiais que foram encontrados durante

a curadoria concebida. Cada etapa desse processo é de suma importância para entendermos a subversão e o conceito proposto. Quando analiso a potencialidade presente na curadoria, reflito também sobre as infinitas matérias primas que estão ao nosso redor. A escolha dos metais é um desafio de pensar o design subversivo ao desconstruir os shapes inicialmente encontrados em sua forma, elevando-os a um novo conceito. Os primeiros materiais foram encontrados pelas ruas de Belo Horizonte, assim como a força motriz para a concepção deste projeto.

Um outro fator a ser analisado é a marginalidade expressa na estética do objeto vestível e a importância da escolha dos materiais. Neste projeto experimental, mesclo texturas e tonalidades presentes nos metais, como o aço escovado, alumínio e o próprio dito metal. A cor branca, escolhida como a base da bolsa, é uma aliada para que se reflita os tons dos metais e conceba sua total transparência, dando vida e individualidade para que estes se comportem de maneira autêntica no objeto vestível.

Além disso, analiso as composições tonais e possíveis texturas que possam compor o objeto vestível em seu caráter primário, como foi encontrado. Cordas de nylon, metais e aço escovado foram alguns dos aliados neste processo criativo. A ideia de conceber um projeto experimental para além de seu exercício é também colocar em prática a presença da estética X produto X comercial.

Acredito que estes três pilares andam juntos nas criações de moda e é de suma importância gerar alternativas que os executem de forma plausível.

Figura 5 - Processo de criação

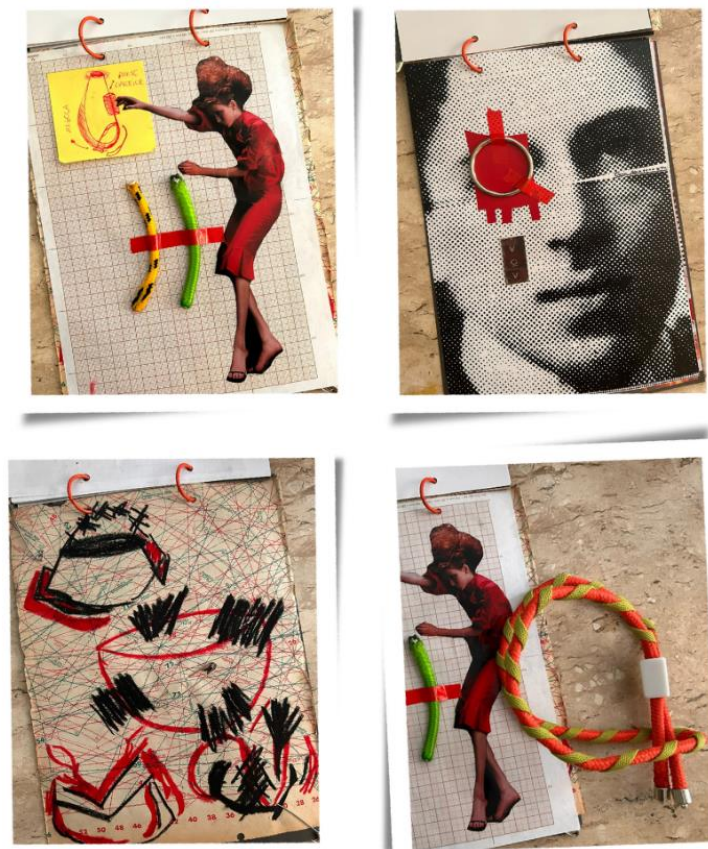


Fonte: Acervo pessoal do autor (2023)

Um outro fator a ser analisado é a inserção da “Gambiarra” como metodologia do projeto. Ao analisar o potencial criativo em conjunto com a matéria prima captada, percebemos um leque de possibilidades para ressignificarmos estas matérias primas, gerando uma nova vida a este objeto vestível, assim como um importante papel ambiental. Assim, neste projeto refletimos sobre as ineficiências produtivas das inúmeras matérias primas presentes em nosso ecossistema e como é urgente o desenvolvimento de alternativas secundárias para que essas possam ser recicladas e restituídas a uma nova simbologia, característica ou até mesmo sua função social.

Figura 6 - Processo criativo

PROCESSOS CRIATIVOS



Fonte: Caderno de processos do autor (2023)

Um destaque importante para esse projeto experimental foi a análise ergonômica do objeto vestível. Baseando-se em investigações feitas, percebem-se algumas problemáticas acerca da ergonomia do primeiro objeto vestível, o que resultou em uma busca assídua e processual no decorrer do projeto. Em análise, visualizamos que a alça composta por cordas de nylon e fio náutico gerou um desconforto durante os testes de uso, bem como a escolha da gramatura dos metais encontrados. É de suma importância a pesquisa multifocal desse projeto ao analisar todas as suas nuances até chegar ao consumidor final. O êxito integrativo entre o design e a moda ocorre exatamente quando pensamos no produto para além de suas concepções estéticas, e sim como um acessório pronto para o dia-a-dia de seu usuário com todas as suas devidas capacitações. Sendo assim, será proposto um reajuste na ergonomia do produto como recurso alternativo para a segunda etapa do desenvolvimento do projeto experimental.

3.4 A GAMBIOLOGIA E A GAMBIARRA

Ao pensar na gambiologia e na gambiarra, introduzimos um repertório cultural que está relacionado com a filosofia, arte, arquitetura, design e inúmeras formas do saber. A gambiologia nada mais é que parte da metodologia aplicada neste projeto sob a ótica da gambiarra.

A "gambiologia" é um termo relacionado, que se refere ao estudo ou à prática de criar gambiarras e soluções improvisadas. A gambiologia é frequentemente vista como uma abordagem criativa para a resolução de problemas, que valoriza a engenhosidade, a inovação e a adaptação a recursos limitados. É uma forma de pensamento lateral que pode ser aplicada em diversas áreas da vida, desde a manutenção de objetos do dia a dia até a solução de desafios mais complexos.

Já a gambiarra pode ser vista como uma manifestação da criatividade humana diante de limitações e restrições, e muitas vezes é associada a um senso de humor, pois as soluções improvisadas podem parecer estranhas ou engraçadas. No entanto, também pode ser uma demonstração de engenhosidade e habilidade prática.

Além disso, quando analisamos o seu caráter improvisativo, percebemos fortemente a presença da subversividade conectada diretamente com a metodologia e o design. Se a gambiologia nos proporciona a criação de abordagens criativas desconexas do tradicional e devidamente improvisadas, sua concepção certamente é parte de um contexto subverso. Repensar as engenhosidades e abrir espaço para a inovação é exatamente a abordagem que proponho ao pensar a gambiarra e sua gambiologia.

Artefatos criados de forma improvisada retratam a espontaneidade do cotidiano da metrópole e propõem reflexões sobre a precibilidade, a degradação e a reinvenção da tecnologia, em que o excesso de objetos descartados que se acumulam na superfície terrestre é uma questão crucial. Segundo Felipe Fonseca, pesquisador e coordenador da Rede Metareciclagem, o espírito gambiológico está mais na atitude de enxergar o mundo como repleto de recursos interpretáveis de múltiplas formas do que nas escolhas específicas de cada obra. A gambiarra está associada ao tipo de adaptabilidade que em última instância nos faz humanos.

Um outro fator a ser investigado é a precariedade como metodologia insurgente neste projeto. Quando pensamos na gambiarra, involuntariamente pensamos nas formas de precariedades e escassez que são parte das fundamentações construídas em torno da

terminologia “gambiarra”. Uma palavra originalmente vinda do português e tendo seu repertório construído no Brasil nos incita um quadro situacional onde a escassez se reconstrói em novos parâmetros criativos e gerador de soluções alternativas. E ao percebemos essa correlação, analisamos a sua potência em se subverter, criando-se um novo objeto, uma nova pele ou até mesmo um novo fator, e esse é um dos papéis fundamentais quando pensamos na metodologia da gambiarra correlacionada a gambiologia.

Em suma, concluímos essa análise com um trecho importante do pesquisador Paulo Faltay Filho da PUC-SP, ao analisar:

Em época em que somos compelidos pela sedução incessante do consumo a estar sempre atualizados tecnologicamente, a gastar o dinheiro com o último lançamento de aparelhos que já temos, a estar up-to-date com as novas linguagens, em suma, no afã de possuímos símbolos e canais de exibição de certa afetação de contemporaneidade, o sequestro semântico dos gambiólogos é marca de posição e reforça a práxis política de enfrentamento ao massacre da abundância de tecnologias fugazes. Os artistas que desenvolvem projetos em gambiarras procuram questionar a produção massificada de novos dispositivos e tecnologias que já não possuem obsolescência apenas programada, mas também desejada. (Faltay Filho, 2018, p.1)

CAPÍTULO 4 - CORPO X OBJETO: DESVENDANDO SUAS CONEXÕES

4.1 O CORPO E A SENSORIALIDADE DO OBJETO VESTÍVEL

A relação e a inércia entre o corpo e o sensorial com o objeto vestível é uma análise que percorre as veias desse projeto e como a experiência disto constrói as narrativas idealizadas. Não apenas um meio de transporte para pertences, mas também uma extensão da personalidade e estilo de uma pessoa. Neste capítulo, vamos explorar as diversas maneiras como as bolsas desempenham um papel crucial na relação entre o corpo e o objeto, e como suas funcionalidades vão além do simples armazenamento ao experienciar suas correlações e sentimentos despertados.

Quando analisamos suas formas de uso, trago como objeto de estudo as formas modulares, que podem ser versáteis para diferentes ocasiões no cotidiano dos usuários. Iniciamos pela escolha dos shapes, que são fáceis de usar e possuem uma capacidade adequada para objetos, celulares e necessidades do dia-a-dia. Além disso, exploro a integração do objeto e o corpo como um complemento que proporcione estilo, narrativas plurais e também uma escolha de um item fashion sustentável pensado com propósito.

Pensar nessa correlação entre o corpo humano e a bolsa é profundamente enraizada na funcionalidade e na expressão pessoal. A escolha da bolsa e a maneira como ela é carregada podem afetar a ergonomia e o conforto do usuário. A sensação do material da bolsa em contato com a pele também foi uma decisão importante durante o processo criativo. A escolha precisa dos metais e suas gramaturas interferem no peso e precisam ser definidas de maneira que não causem danos a postura do usuário.

Com o afeto presente nos mínimos detalhes, fios e tramas constroem as particularidades de cada etapa ao pensar no corpo. Ser um corpo no mundo e reverenciar nossas formas de ocupar os espaços com respectivos signos, vestes e trajetórias traduzem o objeto vestível como um acessório indispensável para compor o cotidiano do usuário. Ademais, desejo que essa relação transmita liberdade, criatividade e principalmente as sensorialidades.

A poesia presente em Luedji Luna transpõe com precisão esta relação de afeto e descoberta.

Eu sou um corpo, um ser, um corpo só
Tem cor, tem corte

E a história do meu lugar, ô
Eu sou a minha própria embarcação
Sou minha própria sorte.
(Luedji Luna, 26/11/2017)

No que diz respeito ao seu uso, as alças de fio náutico são um aliado para a durabilidade do produto e também na flexibilidade ao conceber regulagens que se adaptam a diversos corpos. Pensar na pluralidade dos corpos é um ato sociopolítico de democratizar a moda para todos. Com isso, a junção dos shapes e das modularidades do objeto vestível tornam acessíveis o uso, como também a possibilidade de interação do usuário com o objeto, despertando a criatividade.

4.2 A CONCEPÇÃO DA IMAGEM E COMUNICAÇÃO

As narrativas para conceber a imagem e a comunicação em torno do lançamento da coleção exploram o universo 3D e as formas de subverter os espaços. A criação do editorial de moda incita a fusão inovadora entre a moda, a tecnologia 3D e a inteligência artificial. A ideia é criar imagens que desafiem as normas estabelecidas, misturando imagens de moda com a estética da gambiarra ao pensar elementos gambiológicos desenvolvidos pela tecnologia 3D e pela inteligência artificial (IA).

A subversão da imagem é uma aliada para a comunicação do projeto experimental, dando espaço para que os renders 3D expressem a modernidade e futurismo projetados nas instalações inventivas da gambiarra, ao sugestionar objetos que gerem desconforto a quem os observa. Serão concebidos por etapas e adicionados em conjunto com o editorial de moda no processo de pós edição.

O cenário do editorial será um ambiente futurista e minimalista, com elementos propostos pela ótica da gambiarra, como estruturas metálicas, superfícies espelhadas e instalações subversivas que retratem a o imaginário de um universo subverso. Mas como estimular os imaginários? A inteligência artificial é hoje uma das aliadas para a concepção da imagem, e é através dela que iremos pensar possíveis referências deste imaginário que habita o nosso subconsciente.

Os modelos selecionados devem ser diversos em termos de etnia, gênero e idade, refletindo a inclusão e a diversidade evidentes no casting. Além disso, devem possuir uma presença marcante e uma atitude expressiva para incorporar a subversão da imagem. Eles vão incorporar a fusão entre a moda subversiva e os elementos referenciais para o

cenário. A ideia é captar frames estáticos e conteúdos audiovisuais que proponham a busca pela experiência entre o corpo e o lado sensorial quando em contato com os elementos gambiológicos. A relação entre estes elementos inspiram-se nas metodologias filmográficas concebidas por Pedro Almodóvar em seus filmes, como os movimentos de câmera, setdesign e também a forma como os modelos protagonizam a campanha.

O styling será o complemento para que consigamos dialogar o que de fato é a ideia e todo o processo experimental acerca dos objetos vestíveis. Neste ponto, a presença de tons acromáticos e texturas será um difusor de tendências subversivas. Inicialmente, a ideia é misturar camadas, shapes e a usabilidade de determinadas peças parte do styling, comunicando a ausência de traços físicos e evidenciando a performance do corpo, seja ele através de uma expressão, dança ou ritual.

Um outro fator a ser analisado é pensar nas formas de subverter a imagem, ao propor peças do vestuário que possam ser usadas de formas desconexas de seu uso convencional ou a introdução de objetos como móveis, utensílios domésticos ou até mesmo materias primas que possam se transformar em objetos vestíveis.

A mensagem central do editorial é mostrar como a moda está constantemente evoluindo e se reinventando, abraçando a tecnologia para criar novas formas de expressão. O editorial deve contar uma história visual que envolva a subversão da imagem. Pode ser uma narrativa de transformação, onde os modelos passam por uma metamorfose digital, incorporando elementos de IA em sua aparência. Isso pode simbolizar a fusão entre humanidade e tecnologia.

A estrutura performativa da imagem implica que o editorial seja mais do que apenas fotos estáticas. Poderá incluir elementos interativos, como realidade virtual ou aumentada, onde os leitores podem explorar a moda de maneira envolvente e imersiva. Ademais, pode envolver a criação de vídeos que mostram os modelos em movimento, destacando as possibilidades da moda 3D e da IA na criação de performances visuais únicas. As referencias concebidas buscam desafiar as expectativas e oferecer uma visão única da moda do futuro, onde a tecnologia 3D e a inteligência artificial se tornam ferramentas para subverter a imagem convencional e abrir novos horizontes criativos na indústria da moda.

4.2.1 Criando a imagem: composição cênica do personagem

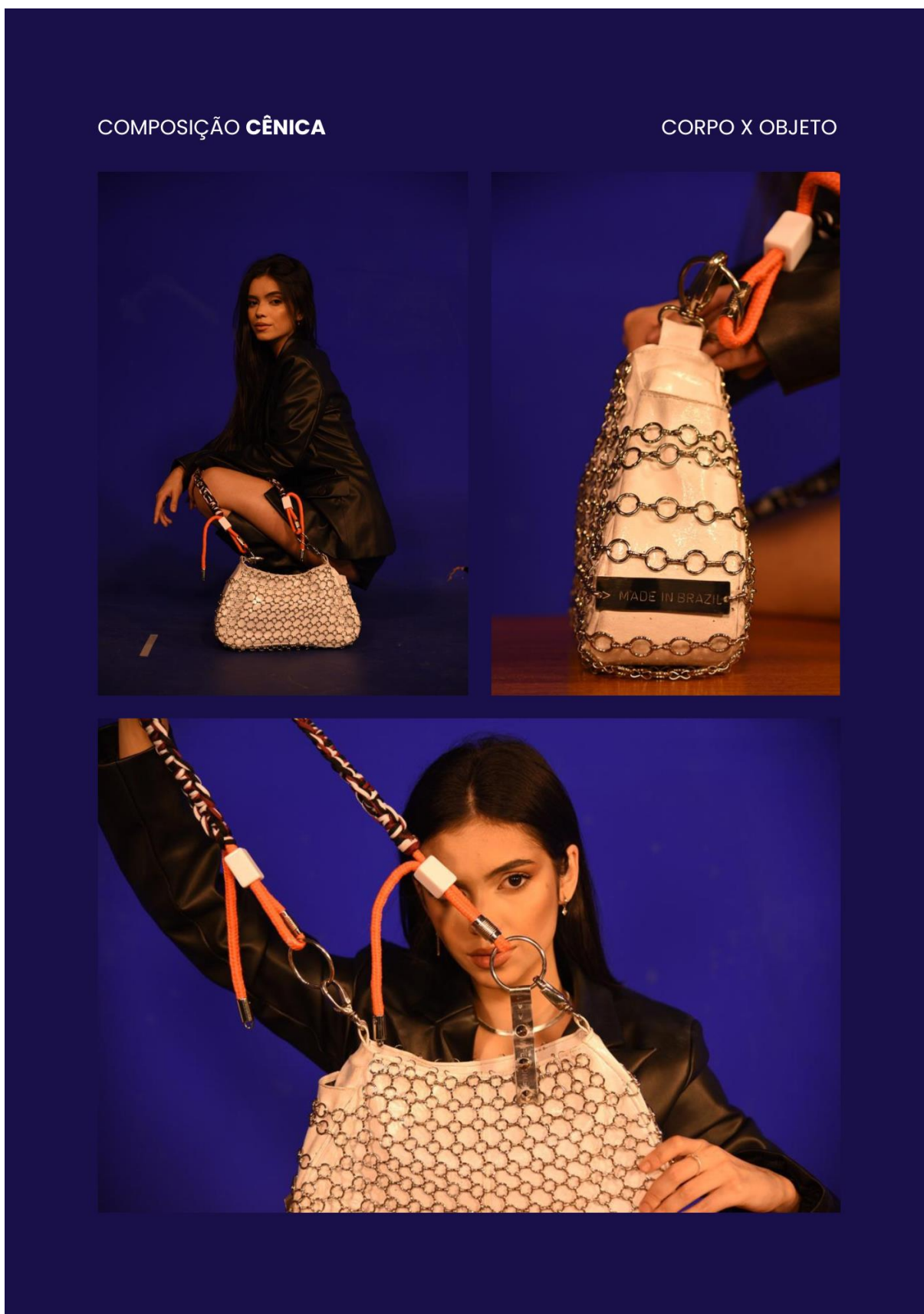
A imagem desempenha um papel fundamental na apresentação e promoção de produtos na indústria da moda. A forma como um produto é apresentado afeta a percepção do público sobre ele e pode criar uma conexão emocional. A imagem é o veículo que permite aos consumidores se conectarem com a moda.

Neste editorial, a imagem não apenas apresenta o produto, mas também desafia as normas estabelecidas, enfatizando como a tecnologia 3D e a gambiologia são capazes de subverter conceitos, tendências ou até mesmo parâmetros na moda.

A personagem que representa o ato subversivo do uso do objeto é o epicentro deste editorial. Ela personifica a fusão entre os tradicionalismos da moda, a gambiarra e a tecnologia 3D, destacando a subversão como elemento central.

A composição cênica da personagem representa a ousadia e a criatividade necessárias para subverter a imagem da moda tradicional e abraçar as possibilidades oferecidas pela gambiarra. A moda é transformada em uma experiência imersiva e envolvente, onde a imagem é um reflexo da fusão entre o humano, o digital e o objeto vestível.

Figura 7 - Composição Cênica: CORPO X OBJETO



Fonte: Gustavo Hilarino e Francisco Amorim (2023)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho pretendeu entender a moda sob a ótica da subversividade, para explorar as manifestações criativas e desafiadoras que emergem quando se rompe com as convenções estabelecidas na indústria da moda. A partir de uma abordagem interdisciplinar e uma metodologia que envolveu a articulação da terminologia gambiarra e suas características, redescobrimos novas prototipagens ao repensar a cadeia de produção na moda e como podemos reocupar estes espaços, viabilizando práticas sustentáveis, soluções alternativas de matérias primas, assim como a potencialidade da ineficiência produtiva presente nos métodos gambiológicos.

Além disso, debato a construção ideológica da bolsa como objeto de design para a moda, ao analisar seus signos e sua história ao longo da civilizações. Ao definir conceitos e parâmetros atrelados às normatividades de gênero e construção social, aplicamos a subversão ao repensar estes signos e propor resultados que desafiem as práticas convencionais de sua produção, levando-a a reconsiderar suas abordagens e a incorporar elementos da gambiarra que afirme este conceito.

Para se atingir uma compreensão do fenômeno acerca da subversividade na moda, definimos três objetivos específicos. O primeiro objetivo foi investigar as principais características da moda, seu caráter subversivo e identificar as práticas de gambiarra que a permeiam. Além disso, aplicamos tal metodologia neste projeto experimental que é denominado de “objeto vestível”, o que representa todo o processo de estudo e apresenta-se como o resultado dessa pesquisa, sendo um ativador de espaços gambiológicos e subversivos na moda. Verificou-se que estes objetos vestíveis frequentemente desafiam as normas estabelecidas, incorporando elementos não convencionais, materiais reaproveitados e soluções criativas que reclassifique a lógica da moda tradicional.

Os objetos vestíveis desenvolvidos como resultado do projeto experimental percorrem e afirmam novas metodologias para se fabricar os produtos de moda. Reafirmamos as infinitas possibilidades que habitam de propor processos criativos que sejam éticos e agreguem valores reais para o mercado da moda

A relação entre o corpo e o usuário também é um ponto chave nessa pesquisa. Para além da estética, idealizo a composição de objetos que despertem a sensorialidade do espaço tempo em conjunto com o usuário, proporcionando uma experiência imersiva completa.

Com isso, a hipótese do trabalho de que a moda subversiva, sob a ótica da gambiarra, representa uma forma disruptiva e desafiadora de expressão na indústria da moda se confirmou, proporcionando uma visão mais ampla e enriquecedora do campo da moda. Os instrumentos de coleta de dados permitiram obter uma avaliação abrangente dos aspectos abordados neste estudo. No entanto, em pesquisas futuras, podem ser realizadas análises mais aprofundadas sobre a relação entre moda subversiva e sustentabilidade, bem como investigações sobre como a moda subversiva pode influenciar a cultura de consumo e as práticas da indústria da moda convencional. Além disso, explorar a interseção entre a moda subversiva e a tecnologia emergente pode abrir novas perspectivas de pesquisa.

REFERÊNCIAS

- 1960s Emilio Pucci Mini Bag. **1stdibs**, 2023. Disponível em: https://www.1stdibs.com/fashion/handbags-purses-bags/top-handle-bags/1960s-emilio-pucci-mini-bag/id-v_5907682/. Acesso em: 04 jun. 2023.
- BÍBLIA. A. T. Isaías. Português. **Bíblia Online**, 2023. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/is/3/18-23>. Acesso em 02 nov. 2023.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 11ª ed.. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- CIDREIRA, Renata P. ESTILO, MODA E CONSUMO (POR UMA POÉTICA DO PRECÁRIO?). **V ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**. Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador/BA. 27 a 29 de maio 2009. Disponível em: <https://www.cult.ufba.br/enecult2009/19637-4.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2023.
- COURI, Aline. Gambiarra: Tecnologia da Favela. **Artemidiastec**, 04 jun. 2018. Disponível em: <https://artemidiastec.wordpress.com/2018/06/04/gambiarra-tecnologia-da-favela/>. Acesso em: 04 jun. 2023.
- DIOR Saddle Bag. **Sweetvampire**, 2018. Disponível em: <https://sweetvampire.files.wordpress.com/2018/06/05.jpg>. Acesso em: 27 maio 2023.
- EVOLUÇÃO das Bolsas – Século XV e V. **Sweetvampire**, 2018. Disponível em: <https://sweetvampire.files.wordpress.com/2018/06/05.jpg>. Acesso em: 27 maio 2023.
- GAMBIOLOGIA. **Gambilogia**, 2020. Disponível em: <https://www.gambilogia.net/blog/apresentacao>. Acesso em: 02 nov. 2023.
- GWILT, Alison. **Moda sustentável: Um guia prático**. São Paulo: Gustavo Gili, 2014.
- JOHNSON, Anna. **Malas: O poder de um acessório**. 1ª KONEMANN, 2005, p. 271; 278.
- LUNA, Luedji. Um corpo no mundo. **Spotify**, 2023. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/5usnnitp4uvrephxo9vgv7?si=a533a4e4c44a4301>. Acesso em: 02 nov. 2023.
- MACHADO, Patrícia. **A história da bolsa: sindicato da indústria de Artefatos de couro do estado de São Paulo**. Escola SENAI “Maria Angelina Vicente Azevedo Franceschini”, 2004. Disponível em: <http://www.sinacouro.org.br/bolsa/pages/pg1.htm%3eacesso>. Acesso em: 01 jun. 2023.
- MAFFESOLI, Michel. **O Tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. 2ª ed. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: ForenseUniversitária, 1998.
- MONTEIRO, Gilson. **A metalinguagem das roupas**. Biblioteca online de Ciências da

Comunicação, 1997. Disponível em: <https://bocc.ubi.pt/pag/monteiro-gilson-roupas.html>. Acesso em: 02 nov. 2023.

MORELLI, Graziela. **Upcycling**: um novo caminho para a moda sustentável. Gampiplural, Univale, 2017. Disponível em: <http://pdf.blucher.com.br/s3-sa-east-1.amazonaws.com/designproceedings/gampi2017/12.pdf>. Acesso em: 07 jun. 2023.

OROZA, Ernesto. DESOBEDIENCIA TECNOLÓGICA. DE LA REVOLUCIÓN AL REVOLICO. **Ernesto Oroza**, 06 jun. 2012. disponível em: <https://www.ernestooroza.com/desobediencia-tecnologica-de-la-revolucion-al-revolico/>. Acesso em: 06 jun. 2023.

SYBILLA – Vivienne Westwood para Louis Vuitton. **Pechugavintage**, 2019. Disponível em: <https://www.pechugavintage.com/blogs/news/le-faux-cul-de-vivienne-westwood-and-louis-vuitton/>. Acesso em: 04 jun. 2023.

VINKEN, Barbara. **Fashion Zeitgeist**: Trends and Cycles in the Fashion. Nova Iorque: Bloomsbury Academic, 2005.